



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

GIOVANI DOS SANTOS CUNHA

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-661

Entrevistado: Giovani dos Santos Cunha

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança - Porto Alegre.

Entrevistadoras: Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 14/03/2016

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque e Pesquisa: Jamile Mezzomo Klanovicz

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 31 minutos e 02 segundos

Páginas Digitadas: 12

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de mestrado de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *Histórias, memórias e narrativas de mulheres no handebol do Rio Grande do Sul: contextualizando o universo do apito*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 2019.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Iniciação do entrevistado no esporte; Atuação como professor na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança; Disciplinas que ministrou; Trajetória no handebol; História do handebol no Rio Grande do Sul; A inserção do handebol no currículo da ESEFID; Início da prática do handebol no Rio Grande do Sul; Importância do handebol no currículo universitário; Perfil dos alunos da disciplina de handebol; Envolvimento na prática do handebol; A prática do handebol dentro das escolas; Competições que participou; A mídia; A disciplina de handebol.

Porto Alegre, 14 de março de 2016. Entrevista com Giovani dos Santos Cunha a cargo das pesquisadoras Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. - Boa tarde Giovani, gostaria que tu iniciasse falando um pouco da tua formação e como tu iniciou na área do esporte.

G.C. - Tu quer saber a formação em geral ou a formação específica?

J.K. - Pode ser geral!

G.C. - Bom, a minha formação em geral começa quando eu fiz vestibular na UFRGS¹ em 1999 e fui aprovado no curso de Educação Física. Me formei em 2003, segundo semestre, com formatura em março de 2004 e, em 2005, eu fiz Mestrado também na Universidade Federal do Rio Grande do Sul na ESEFID². Em 2007 eu comecei o Doutorado, entre 2006 e 2007 eu também fiz especialização em Fisiologia do Exercício aqui na ESEFID também, terminei o Doutorado em 2011, entre 2011 e 2012, eu passei no concurso público do Instituto Federal Farroupilha que eu trabalhava com Educação Física escolar. Em 2013 eu saí para fazer o Pós-Doutorado, retornando em 2014. E em 2014 eu fiz o concurso aqui, e eu estou na ESEFID desde então. Então, toda a minha formação, fora o Pós-Doutorado ela é feita na ESEFID.

J.K. - E desde que tu começou a trabalhar na ESEFID, tu começou a trabalhar com quais disciplinas?

G.C. - As minhas duas disciplinas na ESEFID foi Handebol e Bases das Práticas Corporais e Esportes, isso no primeiro semestre; no segundo semestre devido ao afastamento de alguns colegas eu fiquei com o Handebol e Futebol de Campo, e no semestre de 2015/2 eu fiquei com Teoria do Treinamento e Futebol. Agora 2016/1, os professores retornaram para

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

as suas disciplinas e eu voltei para o Handebol, mas continuei também na Teoria e Metodologia dos Esportes.

J.K. - Na área mais dos esportes, tu teve trajetória como atleta, como técnico do Handebol?

G.C. - Sim, eu joguei futsal de forma competitiva dos dez anos até os trinta e um anos, e joguei handebol na escola mais ou menos dos sete anos aos dezessete anos. aí eu voltei a praticar handebol em 2000 quando eu fiz a disciplina aqui na ESEFID. Então quando eu era atleta, a mesma equipe de futsal era a equipe de futebol de campo e a equipe de handebol da escola, então, o professor de Educação Física escolar... A nossa principal modalidade de treinamento era o futsal, mas aí o professor de Educação Física nos desafiou a jogar handebol, e nós não sabíamos absolutamente nada, e aí quando ele decidiu nos inscrever nas competições locais, a gente começou a observar as meninas, porque na nossa época os meninos jogavam futsal e as meninas jogavam handebol, vamos dizer assim, a tendência era essa, as preferências eram essas. então os meninos preferiam jogar futsal e as meninas preferiam jogar handebol e depois em uma menor proporção vôlei, e os meninos jogavam futsal, futebol de campo e em uma menor proporção na minha região à gente jogava menos basquete e se jogava mais handebol. Na minha escola, os meus amigos e na comunidade se jogava mais handebol do que basquete...

J.K. - E onde era esse jogo?

G.C. - Em Alegrete, no Rio Grande do Sul. Então assim, foi uma experiência, porque depois da gente experimentar o handebol a gente fazia muito por observação, a gente via a meninas jogar e tentava fazer isso. Obviamente que depois de três ou quatro observações, os meninos estavam jogando mais que as meninas. Embora, naquela época com dez, onze, doze anos as questões maturacionais ainda eram *tão* veementes assim, mas talvez pelo fato da gente jogar diversas modalidades, e também fazer a escola da bola. Se jogava muito na rua, né, eu tinha colegas que eles vinham na escola por esporte e na realidade o resto do tempo eles jogavam futebol, manhã, tarde, noite, no recreio, às vezes até dentro da aula com bolinha de papel eles jogavam futebol. Então era um pouco difícil das meninas acompanharem os meninos jogando handebol, e nós não tínhamos uma equipe mais velha

de handebol, para que a gente pudesse sempre os mais novos jogar contra com os mais velhos. Então foi à mesma equipe jogando pré-mirim, mirim, infantil, aí no infante a gente diminuiu um pouco o jogo do handebol, porque o futsal se tornou específico demais. Então a gente passava muito mais tempo jogando futsal e quando chegava perto das competições estaduais a gente treinava um pouco de handebol, mas era bem menos, então, a minha história no handebol começa com mais ou menos dez anos quando eu entro nas equipes competitivas de futsal e o professor de Educação Física, na época, achava interessante nós praticarmos outros esportes, além daquele esporte específico, e nos estimulava a jogar handebol. E como o handebol tinha objetivos parecidos com o do futsal, que era fazer o gol, jogar em equipe, passe, deslocamento, a gurizada gostava de jogar, então era sempre *bem atrativo* jogar handebol, era como se fosse à hora lúdica assim, do esporte, porque a gente jogava... Era bem divertido, alternava braços e pernas às vezes a gente chutava a bola o professor não gostava muito, porque aí já era futsal. Mas, a minha trajetória no handebol começa aí. Depois como eu falei, eu fiz a disciplina de Handebol aqui na escola, o que foi bem interessante, porque eu já tinha base de treinar como atleta, mas não tinha ainda os princípios pedagógicos, a gente não conhecia todas as regras, ou seja, uma visão mais macro do jogo e aqui a gente conseguiu ver mais os parâmetros... A técnica mais específica, os procedimentos táticos, a gente tinham uma outra visão de jogo do que eu tinha quando eu era atleta de interior, assim, de handebol. E quando eu fui para o Instituto Federal Farroupilha, e o Instituto Federal Farroupilha – Campus Alegrete, eles incentivavam muito a participação dos alunos nos esportes, então, eles tinham equipes escolar. Obviamente, competitivas escolares com uma boa gama de esportes e eu fiquei responsável pelo handebol, então, eu fui treinador de equipes escolares durante um ano no Instituto Federal Farroupilha. E era bem interessante, porque não tinha muitas atletas, então, eu tinha uma equipe com mais ou menos doze meninas e mais ou menos uns quatorze meninos, e, eu tinha apenas uma ou duas horas por semana, e eles tinham que treinar basicamente juntos. Era bem interessante por um lado, mas era difícil por outro, porque a diferença física dos meninos era muito maior, em relação às meninas; porque eles já eram ali de quatorze, quinze, dezesseis anos, já tinha ali um efeito maturacional bastante grande, então, eu tinha que trabalhar técnica e taticamente ainda, de certa forma, proteger as meninas, porque os meninos nessa questão de competição e treino eles tem um pouco de dificuldade de diminuir o ritmo, ou jogar de certa forma, auxiliando um pouco as meninas.

Então era um pouco difícil de trabalhar, mas durante um ano funcionou bem lá, depois da terceira ou quarta semana eles começaram a entender como é que era a pedagogia, a lógica do sistema de treino e eles começaram a respeitar um pouco mais as meninas, ou seja, não arremessar tão forte, não ter muito jogo de corpo, porque as meninas tinham uma desvantagem clara em relação aos meninos.

J.K. - Sim! E em relação à história do handebol no Brasil, a gente sabe que ele iniciou dentro das colônias de imigração alemã, tu acredita que aqui no Rio Grande do Sul isso também aconteceu?

G.C. - Não... Na realidade a gente sabe muito pouco sobre a história do handebol, tanto no mundo quando no Brasil. O relato que eu escuto e que eu tenho visto em alguns livros que são raros, é o handebol tendo vindo para o Rio Grande do Sul através do Camargo³, que foi professor aqui da Escola durante muito tempo. Que ele foi em um congresso lá em São Paulo e lá ele teve contato com a modalidade, e trouxe essa modalidade para o Rio Grande do Sul, eu não sei se precisar... Se eu não me engano foi no início dos anos 1960. E aí eu não sei se precisar em que ano essa disciplina se tornou oficial dentro da ESEFID, mas eu sei que também tem uma participação da ACM⁴ com a prática dentro da ACM do esporte handebol. Mas eu acredito que isso tenha sido no início dos anos 1960, trazido pelo Camargo, que é a história que eu sempre ouvi falar quando eu fui aluno, e é o que tu encontra em algumas breves referências e alguns livros específicos de handebol. Eu acredito que tenha... Não lembro de relato da prática do handebol aqui antes desse relato que o Camargo tenha trazido a modalidade e que tinha se instalado na ACM e que a disciplina tinha uma disciplina de handebol na ESEFID. Eu não sei se precisar em que ano foi isso, eu sei que na década de 1970. O MEC⁵, vamos dizer, instituiu o handebol na Educação Física escolar, então, a partir da década de 1970 ele começa a fazer parte também dos currículos de Educação Física escolar e aí eu acho que tem uma *ampla* divulgação.

J.K. - Saberia me dizer por que o Handebol entrou no currículo da ESEFID?

³ Francisco Camargo Netto.

⁴ Associação Cristã de Moços.

G.C. - Eu acho que porque era uma modalidade nova, e tinha um professor na ESEFID que devia ter o desejo de ampliar a manifestação do Handebol, mas não eu não tenho nem ideia, porque eu não era nem nascido na época, e a gente não tem muitos relatos. Talvez se tu conversar com ele, ele possa te contar uma história melhor que essa, mas eu acho que foi por intenção do professor.

J.K. - Tu acredita que quando o handebol começou, ele tenha sido mais praticado em clubes ou escolas?

G.C. - Quando ele começou aqui no estado?

J.K. - Isso aqui no estado.

G.C. - Olha, quantitativamente, mais nas escolas porque a gente tem muito mais escolas do que clubes. Mas eu acho que o ponta pé inicial começou nos clubes porque eu acho que é muito difícil tu quantificar onde se praticou mais. A gente tem mais escolas e na década de 1970 isso foi introduzido no currículo, obviamente, as escolas começaram a praticar isso em larga escala, mas competitivamente talvez tenha sido minúsculo desde então. Do ponto de vista educacional nas escolas, do ponto de vista competitivo nos clubes.

J.K. - E hoje, como professor da disciplina de Handebol como tu vê a importância dessa modalidade dentro do currículo universitário?

G.C. - Do currículo universitário geral ou do currículo da ESEFID?

J.K. - Ambos!

G.C. - Acho que ele tem uma importância assim, como todos os outros esportes, não é? Eu acho que é uma importância de grande relevância, assim como tu tem futebol, basquete, vôlei... O handebol hoje está, vamos dizer assim, entre os quatro esportes mais praticados,

⁵ Ministério da Educação.

talvez futsal, vôlei, basquete, handebol, e dependendo do local tu tem mais um ou menos outro. Mas, eu acho que dentro do currículo da Educação Física visto que ele está nas Bases Curriculares Nacionais e está dentro do currículo da Educação Física escolar, eu acho que é primordial, é relevante *demais*. Porque se tu vai ensinar isso nas escolas, e nós temos um curso de licenciatura, obviamente, que esta disciplina tem que fazer parte do currículo, dá mesma forma se existem clubes que praticam o alto desempenho, ou praticam rendimento em algum determinado nível, tu também precisa que esta disciplina seja na licenciatura, ou seja, no bacharelado. Não necessariamente uma disciplina só, o ideal seria que fossem pelo menos duas disciplinas, uma de... Antigamente nós tínhamos no currículo 04500, três disciplinas: Tópicos de Ensino, Fundamentos e Avançadas e hoje a gente só tem uma. Então, talvez um bem seria, por exemplo, a gente colocar uma segunda disciplina de handebol para que a gente possa trabalhar um pouco mais específico o alto desempenho e um pouco mais específico a parte de método de ensino do handebol.

J.K. - Sim. E hoje qual seria o perfil dos alunos que optam por essa disciplina?

G.C. - Olha, no pouco tempo que eu estou ministrando a disciplina, eu vejo que geralmente por ela ser uma disciplina eletiva, ela geralmente é frequentada por alunos mais avançados no currículo, por uma questão de ordenamento. Então, aqueles mais avançados no currículo, que precisam de disciplinas eletivas, eles vão conseguir essa cadeira com maior facilidade do que aqueles que estão anteriores no currículo. Mas, geralmente nós temos alunos avançados no currículo, geralmente, o que eu posso perceber na disciplina são essas duas coisas: alunos que precisam de crédito eletivos e fazem a cadeira e alunos que gostam do esporte ou que querem aprender mais do esporte. Eu vejo essas duas motivações bem forte dentro da disciplina. No primeiro semestre como ficou muito tempo sem ser oferecido, geralmente quem fez era aqueles que tinham maior afinidade pela cadeira, pelo esporte em si, mas agora eu já tenho visto que tem alunos que estão fazendo, porque é... Talvez seja uma disciplina um pouco diferente das outras, ou porque o professor dá uma cara nova para a disciplina, eu não sei. Mas eu vejo que são esses dois fatores, quem gosta do esporte e quem gosta do professor um pouco e quer acompanhar o professor mais um pouco, e aqueles que precisam de créditos eletivos para se formar. Eu vejo mais ou menos esses três parâmetros.

J.K. - E como é o envolvimento da prática do handebol por esses alunos?

G.C. - Olha no primeiro semestre, vamos dizer assim, o envolvimento ele foi total. Ele tinha, sei lá, 75%, 85% da turma praticamente fazendo todas as aulas práticas. Obviamente que tu sempre tem um percentual de alguns alunos que em alguns dias não estão dispostos, ou não trouxeram roupa, ou que estão machucados, ou tem algum problema para não fazer a aula prática. Já no segundo semestre, eu tive mais alguns praticando, mas com uma intensidade e uma qualidade técnica um pouco menor que na primeira. E nesse terceiro semestre que eu estou na frente da disciplina, eu vejo uma motivação muito maior dos alunos, porque ninguém tem experiência com o handebol, então, eles fazem a aula, *muito motivados*, porque eles querem aprender. Então são três turmas completamente diferentes, essa é a primeira que ninguém tem experiência em handebol, alguns na escola, mas uma experiência muito tênue, muito singela e são três turmas completamente diferentes, então é difícil traçar um perfil. Provavelmente a quarta turma vai ser diferente dessas outras, e talvez lá pela quinta ou sexta, eu vou conseguir identificar um perfil de quem procura a disciplina, mas eu acho que não vai fugir muito desses perfis, que são: quem precisa de crédito; quem gosta do esporte; ou quem gosta do professor; ou quem gosta da dinâmica da disciplina. Por exemplo, o “boca a boca” dos alunos que fazem a disciplina, às vezes gera interesse de outros alunos fazerem, assim como o contrário também é verdadeiro. Às vezes os alunos: “não vai nessa disciplina, porque é assim, assim, assado...” Então tem uma característica diferente, então, acho que são esses os perfis que nós temos hoje.

J.K. - Hoje ela é uma disciplina eletiva, ela sempre foi eletiva?

G.C. - Olha, desde 1999 que foi quando eu entrei na ESEFID, ela sempre foi eletiva. No meu conhecimento, só que o eletivo daquela época é diferente desse eletivo: naquela época só tinha duas características de disciplinas, as obrigatórias e as eletivas e tu tinha um “x” de créditos. Obviamente, tu tinha que fazer todas as obrigatórias, mas tu deveria cumprir um “x” de créditos eletivos, então de certa forma, algumas disciplinas mesmo sendo eletivas, algumas delas tu tinha que fazer obrigatoriamente porque se não fizesse faltava créditos no final do curso. Então, até onde eu sei, ela sempre foi eletiva, com a mudança do

currículo talvez ela foi a única disciplina de esportes que ficou como sendo eletiva, e não sendo obrigatória ou alternativa. Talvez, porque na época não houvesse professor para a disciplina, então, eles deixaram de fora, não sei te dizer.

J.K. - E tu acredita que a modalidade do handebol no currículo universitário tenha aumentado a prática dela dentro nas escolas?

G.C. - Eu acho que quando melhor a formação do professor que vai trabalhar na escola, seja do licenciado de Educação Física, for em um determinado esporte, quanto maior for a motivação dele em ensinar e quando mais ele aprendeu sobre esse determinado esporte na academia, eu acho que isso vai influenciar a prática posteriormente. Eu acredito que isso tenha um grande impacto, acho que quanto melhor for a formação de um determinado professor e de um determinado esporte e o como ele consegue passar isso para os seus alunos, isso vai influenciar na prática do jogo em qualquer um dos esportes.

J.K. - Sim. E em relação aos últimos anos, o handebol teve um certo destaque, principalmente pela equipe feminina da seleção brasileira. Tu acha que isso trouxe maior visibilidade para a prática do handebol escolar?

G.C. - Eu acho que sim, então assim: alguns fenômenos já acontecerem com a prática do esporte. Por exemplo, quando o Brasil saiu campeão olímpico em 1992 no vôlei, medalha olímpica em Barcelona⁶, teve um “boom” no voleibol no Brasil e isso perdurou e o Brasil se tornou elite. Vamos dizer assim: do voleibol mundial durante quase duas décadas, mas eu ainda não vejo esse mesmo movimento no handebol, embora as meninas tenham sido campeãs mundiais e teve todo um apelo de mídia sobre isso e até jogos sendo televisionados. Mas eu ainda não vejo um rumo na prática, talvez ainda precise de uma medalha olímpica ou de mais um ou dois campeonatos mundiais de ambas as equipes masculina e feminina para que a gente possa ter esse “boom” na prática. Embora na Educação Física escolar eu acho que o handebol tenha sido bem praticado, principalmente, pelas meninas, mas eu não sei ainda o é que precisa para que esse... Que o handebol se torne um esporte nacional, como se tornou o futebol, o voleibol, ainda não sei o que é que

⁶ Jogos Olímpicos de Barcelona.

falta. Não sei se falta pela qualificação dele em nível acadêmico ou o incentivo da prática na Educação Física escolar, ou se falta uma organização melhor do esporte em nível nacional para que de uma divulgação maior, um impacto maior da visibilidade do esporte para a população.

J.K. - Tu comentou que na tua época as meninas praticavam mais o handebol e agora tu também comentou de novo que as meninas procuram mais. E na disciplina isso também acontece?

G.C. - Não, na disciplina é quase que meio a meio. Eu acho que antigamente, o futebol era considerado coisa de homem, então, as meninas eram privadas de praticar futsal ou futebol, não sei exatamente qual o motivo, porque na minha escola as meninas também jogavam um pouco futebol, mas não era na mesma escala que se jogava futsal. E hoje eu vejo um efeito completamente diferente: as meninas buscando *muito* o futsal, e eu acho que essa mescla de poder jogar futsal e poder jogar handebol eu acho um casamento perfeito, então, eu acho que esse é um avanço do ponto de vista educacional, quanto cultural. É onde as mulheres agora conseguem praticar os esportes que elas quiserem, sem preconceito. Mas, eu não vejo isso em nível acadêmico. Em nível acadêmico eu acho que é igual, tanto as meninas quanto os gurus... Tanto os homens quanto as mulheres praticam handebol da mesma forma. Então assim, eu não sei te dizer por que... Deve ser um contexto social da época, porque que se intitulou que handebol era coisa de menina e futebol era coisa de homem, talvez porque o handebol tenha surgido, basicamente, um jogo *para as mulheres*. Talvez ainda tenha ocorrido um fragmento de quando ele veio para o Brasil que ele tinha sido um jogo desenvolvido para as mulheres e isso tenha passado assim, mas eu não sei te dizer porque as meninas preferiam mais handebol do que futebol, não sei te dizer, teria que dar uma olhada no contexto histórico ou até mesmo entrevistar diversas meninas que viveram nessa década de 1970 e 1980 e perguntar: “será que vocês não gostavam de futebol e por isso vocês optaram por handebol?” ou “Vocês realmente gostavam mais de handebol que futsal?” Eu não sei te precisar porque, mas eu sei que isso acontecia naquela época, não sei se hoje acontece. Hoje eu vejo as meninas praticando muito mais futebol do que naquela época. Em nível universitário eu não vejo diferença nenhuma, eu vejo ambos, homens e mulheres praticando esportes de igual magnitude, tanto do ponto de vista

motivacional, quanto do ponto de vista técnico e tático. E existem algumas diferenças físicas, mas não diferenças [PALAVRA INAUDÍVEL] se comprometer, tanto que na disciplina se joga misto, homens contra mulheres, mulheres contra homens e eu nunca precisei separar só homens ou só meninas porque nesse contexto da disciplina ainda não precisou fazer isso e nem sei se dia vai precisar. Eles jogam de igual para igual a todo o momento.

P.J. - E como característica da tua disciplina, são mais licenciados ou mais bacharéis?

G.C. - É uma confusão porque hoje em dia, os bacharéis geralmente tem o currículo antigo que eles entraram como bacharéis e eu acho que esses que entraram como bacharéis já estão se formando. Mas eu acho que tem bastante gente que ainda é da licenciatura, provavelmente agora por questões de ordenamento, quem fizer o reingresso já está acima do ordenamento, então, talvez tenha maior facilidade de conseguir a disciplina. Eu acho que a divisão não é via bacharel via licenciatura, mas quem estiver melhor posicionado no ordenamento e solicita a disciplina e consegue. Dizer assim: “o pessoal da licenciatura procura mais, ou o pessoal do bacharel...” Eu acho que é uma questão de ordenamento, aí eu não sei se aqueles que não conseguiram vaga eram mais bacharéis ou eram mais licenciados.

P.J. - Tu falou que chegou a competir com o handebol, tu competiu aqui pela UFRGS também?

G.C. - Não, pela UFRGS... Quer dizer, uma vez eu fui para um campeonato para jogar handebol mas nós acabamos sendo desclassificados antes mesmo de entrar em quadra, porque a gente teve um erro na inscrição e não nos permitiram. Mas na UFRGS eu nunca competi com o handebol só competi no Futsal.

P.J. - E a questão do público, quando tu competia com o handebol?

G.C. - Assim, quando nós íamos nesses campeonatos estudantes, eram diversas competições ao mesmo tempo, então tu tinha futebol de campo de um lado, atletismo de

outro, handebol, vôlei e outros, mas não vejo muita diferença, porque quem vai [PALAVRA INAUDÍVEL] como se fosse um esporte como futebol, como vôlei, torce para que a equipe ganha, não tem... Não vejo grandes diferenças na torcida em relação a isso ou do comportamento da torcida seja diferente que o comportamento da torcida dos outros esportes. Eu vejo de maneira igual, talvez um pouco menos de torcida, porque tem mais esportes envolvidos, mas eu nunca fui em uma competição que fosse especificamente de handebol, para te dizer se tinha muita gente ou não. Se o comportamento fosse diferente, todas as vezes que eu fui eram competições mistas que duração dois, três dias e tinham vários esportes acontecendo ao mesmo tempo.

P.J. - Tu falou também da questão da referência, que vocês se espelhavam nas meninas...

G.C. - Sim!

P.J. - Tu sabe se tinha alguma referência na mídia referente ao handebol, tanto masculina quanto feminina?

G.C. - Não, nada! Era praticado basicamente dentro da escola, como um esporte escolar mesmo, a gente não via os jogos, não passava os jogos na TV e a gente tinha muita dificuldade de ter acesso às regras. Então, as regras eram muito alguém que já tinha jogado, que já conhecia, que passava para outro professor e eu lembro que naquela época existia os cursos de formação de professores e geralmente acontecia no início do ano, e eles se deslocavam... Todos os professores de Educação Física se deslocavam para uma D.E.⁷ específica e lá havia treinamentos de atualizações sobre esportes, sobre regras e “etc”, mas era muito difícil a gente ter acesso às regras, então, basicamente a gente imitava comportamentos. Então, teve algumas regras que eu fui conhecer depois de vir para a faculdade e que eu não conhecia e que eram regras bem específicas do jogo. Provavelmente, nem a arbitragem daquela época lá também conhecia, porque naquela época não tinha internet, então, se tu não tinha o livrinho de regras tu muitas vezes estava desatualizado, porque se passava quatro, cinco, seis, dez anos... Era difícil de tu compreender alguma coisa da regra e aí tinha regras que era por conversão: “não, aqui nós

⁷ Delegacia de Ensino.

decidimos que a regra é desse jeito” E aí funcionava daquele jeito, e tu ia para competição e tu: “Pô porque o cara apitou, o cara deu uma falta, isso não era falta.” E havia, vamos dizer, uma certa confusão com relação as regras, porque não tinha uniformidade das regras.

J.K. - Em relação à disciplina, tu comentou que hoje ela é mista. Ela sempre foi assim ou em alguma época ela foi separada por sexos, por exemplo, handebol para homens e handebol para mulheres?

G.C. - Quando eu fiz era mista, mas eu posso te dizer do semestre que eu fiz que tinha um pouco mais de meninos do que de meninas. Era uma taxa assim de trinta alunos e uns vinte era meninos e dez eram meninas, mas isso eu também não sei se isso era reflexo da entrada no vestibular. Enfim, mas ela sempre foi mista, eu não me lembro de ver handebol aqui na Escola sendo separada, até pelo tamanho da turma às vezes é difícil de tu fazer isso, mas eu acredito que não, eu acredito que sempre foi mista a prática.

J.K. - Teria alguma coisa que eu não te perguntei que tu gostaria de compartilhar?

G.C. - Olha, tirando o fato que o handebol é um esporte maravilho que trabalha membro inferior, membro superior, tu precisa de um alto nível técnico de coordenação, muita compreensão tática por que a variabilidade do jogo é muito grande, as opções são muito grandes. Não sei se teria um... Eu gostaria de ver o handebol com mais espaço, tanto na mídia quanto na sua prática, talvez seja um dos poucos esportes que trabalha tão bem membro inferior e membro superior, então, tu precisa grande coordenação de membro inferior por que tudo parte das passadas, mas tu também faz passes e arremessos de jogadas de habilidades com a mão. Então eu vejo bem o handebol assim, como uma mistura bem forte de basquete... Com elementos do basquete, do futsal, do futebol e do Voleibol, é basicamente todos os esportes em um só, então, eu gostaria de ver mais a prática do handebol nas escolas, em clubes e etc. Só isso.

J.K. - Então, a gente agradece em nome do Centro de Memória do Esporte.

[FINAL DA ENTREVISTA]